

# Escola, cultura e diferenças culturais

## Um olhar sobre a pessoa surda

Francisauro Fernandes da Costa<sup>1</sup>

Resumo: Este artigo objetiva compreender como a escola caracterizada como um território de múltiplas culturas, vem trabalhando os artefatos culturais da comunidade surda no cotidiano escolar, destacando, especificamente, a experiência visual e o aspecto linguístico, por entender que estes são imprescindíveis para o processo de desenvolvimento cognitivo dos surdos no âmbito escolar. No decorrer deste artigo, propõe-se refletir sobre as nossas concepções para conhecermos um pouco mais sobre a cultura surda, analisando os nossos olhares e as representações que construímos sobre esses sujeitos, compreendendo a surdez como uma questão cultural e não como impedimento auditivo. Para fazer tal abordagem, a metodologia utilizada constitui-se de um estudo teórico, baseado nas pesquisas de autores como Candau (2011), Quadros (2010), Skliar (2013), Strobel (2009) e outros, cujos estudos auxiliaram-me a compreender e problematizar a presente temática. Para uma melhor sistematização, o texto está organizado em 3 (três) capítulos principais, onde inicialmente, estabeleço uma relação entre Educação e Cultura, baseado numa concepção antropológica para afirmar que há uma intrínseca relação entre ambas. Em seguida, a discussão perpassa pela relação entre Escola e Cultura partindo da premissa de que a escola é um território de múltiplas culturas. E por fim, faço a delimitação do tema para buscar compreender como a escola vem trabalhando os artefatos culturais surdos, abordando, principalmente, a experiência visual e o aspecto linguístico, tendo em vista que os mesmos contemplam o modo visual-espacial dos sujeitos surdos de aprender e compreender o mundo a sua volta.

Palavras-chave: Escola. Diferenças Culturais. Pessoa surda.

## INTRODUÇÃO

A proposta de elaborar o presente artigo surgiu ao participar como aluno voluntário do Projeto de Extensão em Libras “*sinalizando a minha ufpa: um direito assegurado por lei*”<sup>2</sup>, e do Grupo de Estudos “*Diálogos culturais: currículo e culturas*”<sup>3</sup>, que proporcionaram-me ampliar minha

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia pela UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba. E-mail: francisaurocosta@gmail.com

<sup>2</sup> Projeto desenvolvido no período de 2016-2017 pela Professora Doutoranda Márcia Monteiro Carvalho.

<sup>3</sup> Estudos Semanais desenvolvido pelo Gepege - Grupo de Estudos de Pesquisa Gênero e Educação, liderado pela Professora Dra. Joyce Otânia Seixas Ribeiro.

visão sobre duas temáticas relevantes no campo educacional: Cultura e Libras, onde as leituras e discussões realizadas nos grupos aguçaram a minha curiosidade instigando-me a tentar discutir a cultura da comunidade surda no âmbito escolar.

Fazer uma abordagem sobre escola, cultura e diferenças culturais, cuja ênfase está voltada para a pessoa surda, significa compreender que vivemos em uma sociedade multicultural, híbrida e/ou pluricultural e que tal multiplicidade de culturas necessita ser trabalhada em sala de aula. Dessa forma, este artigo tem por objetivo compreender como a escola, caracterizada como um território de múltiplas culturas, vem trabalhando os artefatos culturais da comunidade surda no cotidiano escolar, destacando, especificamente, a experiência visual e o aspecto linguístico.

A metodologia utilizada para fazer tal análise, constitui-se de um estudo teórico, baseado nos estudos de autores como Brandão (1993; 2002), Candau (2003; 2011), Quadros (2010), Santos (1994), Skliar (2013), Strobel (2009), e outros, cujos estudos me auxiliaram a compreender e problematizar a presente temática.

O resultado da pesquisa demonstra a necessidade de compreendermos a surdez como uma questão cultural e não como impedimento auditivo; ressalta que a cultura surda no âmbito escolar está subordinada à cultura ouvinte, o que conseqüentemente, enfatiza que os artefatos culturais surdos são muitas vezes ignorados no processo educacional, corroborando para a prática de exclusão das pessoas surdas neste ambiente.

Portanto, para os propósitos da intenção do texto, organizei o mesmo em torno de 3 capítulos principais, onde no primeiro faço uma discussão sobre a relação entre Educação e Cultura.

Posteriormente, no segundo capítulo, abordo a relação escola e cultura, partindo da premissa de que a escola como instituição social é um espaço de múltiplas culturas.

No terceiro, busco compreender como a escola vem trabalhando os artefatos culturais surdos no cotidiano escolar.

Por fim, apresento as considerações finais ressaltando a importância de se trabalhar com os artefatos culturais do povo surdo no contexto escolar, tendo em vista que os mesmos contemplam seus modos visual-espacial de aprender e compreender o mundo a sua volta.

## **1. EDUCAÇÃO E CULTURA: UMA ABORDAGEM INICIAL**

Neste primeiro capítulo abordarei de forma breve a relação estabelecida entre educação e cultura dentro de uma perspectiva ampla, para, em

seguida, delinear o foco dessa discussão para o contexto escolar buscando compreender como se estabelece essa relação no “chão da escola”<sup>4</sup>.

Falar de educação e cultura é um grande desafio, haja vista que são temáticas amplas e complexas, além de possuírem várias definições o que exige uma sólida compreensão para fazer tal abordagem, pois, é necessário partir de uma linha histórica, pautada numa concepção antropológica para afirmar que a educação é consequência da interação do homem com o meio social e cultural. Dessa forma, conforme destaca Freire (1979, p. 27) “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem levar em consideração o próprio homem”. Porque “o homem é um sujeito que produz cultura” (BRANDÃO, 2002, p. 39).

Ainda segundo Freire (1979), o homem está no mundo e com o mundo. Ou seja, o homem é um ser de relações que capta uma realidade, fazendo-a objetos de seus conhecimentos. Quando este compreender sua realidade, levanta hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procura soluções. Isto é, por meio da sua interação com a realidade o homem vai construindo processos de aprendizagens e buscando soluções para satisfazer as suas necessidades.

Desse modo, fica evidente nessa abordagem que há uma implícita concepção de educação enquanto fruto de uma experiência cultural, pois, para Brandão (1993) a educação é, como tantas outras invenções, uma fração do modo de vida de grupos sociais que criam e recriam em sua sociedade. Em outras palavras, a educação é característica de uma experiência endoculturativa<sup>5</sup>. Ou seja, é uma prática social.

Sempre que falamos em educação pensamos imediatamente no contexto escolar, porém, os antropólogos ao fazerem referência sobre o assunto não abordam o processo formalizado de ensino como a conhecemos atualmente. Muito pelo contrário, esses estudiosos buscam identificar e analisar os processos sociais de aprendizagem, onde ainda não foi criado um modelo de ensino formal e institucionalizado para demonstrar que a educação está

---

<sup>4</sup> Essa expressão está baseada na frase “a diferença está no chão da escola” feita por uma professora de didática em uma entrevista no contexto de uma pesquisa realizada por Candau. Neste trabalho, a mesma está baseada no artigo “*Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica*” de Candau (2008), a qual afirma que a diferença é constitutiva da ação educativa.

<sup>5</sup> Para Brandão (1993) tudo o que se aprende de um modo ou de outro faz parte do processo de *endoculturação*, por meio do qual um grupo social aos poucos socializa, em sua cultura, os seus membros, como tipos de sujeitos sociais. Por conseguinte, *endoculturação* é um processo de constante aprendizagem de valores e experiências que se estabelecem no interior de determinadas culturas e/ou grupos sociais.

presente em toda a parte, sendo resultado da ação do homem com o meio sociocultural em que está inserido.

Com base nessa afirmação é notório alegar que o homem sempre será alvo de um processo educativo à medida que sempre estamos vivenciando novas experiências de aprendizagem em diversos lugares.

Nas palavras de Brandão (1993), ninguém escapa da educação; seja na rua, na família, na escola, na igreja, no trabalho, etc. todos os dias vivenciamos situações de aprendizagem e, desse modo, sempre misturamos a vida com a educação. Para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver.

Pautado nessa concepção e ampliando ainda mais o conceito de educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - (9394/96) destaca que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 2014, p. 8).

Logo, apesar dos inúmeros conceitos elaborados por renomados autores, posso dizer de maneira simples que a educação é um processo de interação social entre diferentes culturas, onde por meio dessa interação o homem apreende e constrói conhecimentos.

Enquanto que a cultura - levando em consideração apenas uma de suas concepções básicas<sup>6</sup> - diz respeito a um conjunto de tradições, costumes, crenças e valores de um determinado grupo social os quais estão em constante processo de transformação, pois, se constituem sócio historicamente, isto é, variam de sociedade para sociedade dependendo do seu contexto histórico e social. Laraia (2001) afirma, cultura é dinâmica, portanto, está sempre em processo de desenvolvimento.

Para Santos (1994), cultura de modo geral é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade; assim, cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. A cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Enfim, cultura é uma produção humana.

---

<sup>6</sup> Segundo Santos (1994) há duas concepções básicas de cultura. A primeira preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação” ou então de grupos no interior de uma sociedade. A segunda está se referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo, assim como às maneiras como eles existem na vida social.

Portanto, está explícito que há uma intrínseca relação entre educação e cultura, tendo em vista que “a educação é um operador de aprendizagem da cultura” (ALMEIDA, 2016, p. 140). Por isso, não há como falar de educação sem falar de cultura e vice-versa. Por essa razão, no próximo tópico abordarei a relação entre escola e cultura, partindo da premissa de que a escola como instituição social é um espaço de múltiplas culturas.

## 2. ESCOLA: TERRITÓRIO DE MÚLTIPLAS CULTURAS

Somos sujeitos participantes de uma sociedade multicultural, híbrida e/ou pluricultural apresentando em seu interior uma multiplicidade de raças, culturas, religiões e saberes que caracterizam a sociedade como múltipla. E a escola, por sua vez, reflete essa pluralidade social e cultural, pois está inserida nesta mesma sociedade heterogênea. Dessa forma, seria uma incoerência, bem como, uma utopia **não** caracterizar a escola como um território de múltiplas culturas.

Para Moreira & Candau (2003), a problemática das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo, por isso, não podemos compreender aquilo que ocorre em sala de aula sem cultura, isto é, não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, ou seja, totalmente desvinculada das questões sociais da sociedade, haja vista, que não existe educação que não esteja inserida nos processos culturais no contexto em que se situa.

A escola é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade (MOREIRA & CANDAU, 2003, p. 160).

Neste contexto, compreendo que a escola como instituição social historicamente situada, responsável pela sistematização dos conhecimentos produzidos pela humanidade e transmitidas às novas gerações, constitui-se como um dos principais mecanismos de formação entre família e sociedade, caracterizando-a, como um espaço de transmissão de culturas.

Desse modo, observa-se que as relações entre escola e cultura não devem ser concebidas como polos independentes, mas sim, como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano escolar e com fios e nós profundamente articulados (MOREIRA & CANDAU, 2003).

Por conseguinte, sendo a escola uma instituição social construída historicamente numa sociedade heterogênea, híbrida e multicultural na qual vivemos, ela torna-se um território de múltiplas culturas, exigindo, com

isso, que as questões culturais sejam discutidas e problematizadas por todos aqueles que fazem parte do processo educativo, uma vez que ela se constitui como “um espaço de cruzamento de culturas” (MOREIRA & CANDAU, 2003, p. 15), transmitindo signos e significados que constrói subjetividades e, conseqüentemente, produzem identidades.

Levando em consideração essa abordagem, em seguida, busco compreender como a escola caracterizada como um território de múltiplas culturas, vem trabalhando os artefatos culturais da comunidade surda no cotidiano escolar, destacando, especificamente, a experiência visual e o aspecto linguístico que são indispensáveis para o processo de desenvolvimento cognitivo dos surdos no âmbito escolar.

### **3. AS DIFERENÇAS CULTURAIS NO COTIDIANO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE A PESSOA SURDA**

Atualmente no campo educacional percebe-se que muitos autores vêm, cada vez mais, direcionando suas problematizações e baseando seus discursos sobre educação e cultura, enfocando as diferenças culturais existentes no cotidiano escolar para discutir a inclusão social dentro de uma perspectiva ampla, com o objetivo de propor uma escola que leve em consideração as diferenças, aceitando a todos na sua especificidade e/ou particularidade.

Ao direcionarmos essa reflexão para o campo dos Estudos Surdos, devemos ampliar nossas concepções para conhecermos um pouco mais sobre a cultura surda, analisando os nossos olhares e as representações que construímos sobre as pessoas surdas. Porque, conforme enfatiza Skliar (2013), a educação dos surdos, atualmente, se encontra perante um cruzamento. Por um lado, manter-se ou não dentro dos paradigmas da educação especial, reproduzindo o fracasso da ideologia dominante sobre deficiência. Por outro lado, aprofundar as práticas e os estudos em um novo campo conceitual: os Estudos Surdos, quebrando, dessa forma, a sua vinculação representacional com a educação especial e se aproximando dos discursos, discussões e práticas próprias de outras linhas de pesquisas.

Os Estudos Surdos se constituem como um programa de pesquisa em educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político (SKLIAR, 2013, p. 5).

No que diz respeito ao sentido do termo diferença, o mesmo está sendo utilizado neste artigo com base na concepção de Candau (2011), a qual

assume uma visão crítica do termo, afirmando que as diferenças são concebidas como realidades sócio históricas, em contínuo processo de construção-desconstrução-construção, ou seja, enquanto processos dinâmicos que se configuram nas relações sociais e estão atravessados por questões de poder.

Essa abordagem se faz necessária por que aos lançarmos o nosso olhar sobre a pessoa surda necessitamos compreender que: “os surdos estão se afirmando como grupo social com base nas relações de diferença” (QUADROS, 2010, p. 32). Isso significa enxergar o surdo como sujeito diferente, possuidor de uma cultura e identidade própria.

No nível sociocultural temos um movimento entre os pesquisadores, em especial, aqueles que são surdos, que apresentam vieses dos próprios surdos definindo surdez numa outra dimensão. Como diz Wri-gley (1996, p. 13) “contrário ao modo como muitos definem surdez – isto é, como um impedimento auditivo – pessoas surdas definem-se em termos culturais e linguísticos” (QUADROS, 2010, p. 34).

Ainda segundo a autora, para discutir e problematizar cultura e identidades surdas é necessário entender cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se definem como grupo diferente de outros grupos. É compreender que essa cultura se manifesta mediante a coletividade que se constitui a partir dos próprios surdos que se garantiram através de movimentos de resistência com a fundação de organizações administradas essencialmente por surdos (QUADROS, 2010).

Para Strobel (2009)<sup>7</sup>, Cultura surda é o modo do sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo com a finalidade de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais que contribuem para a construção das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Segundo a autora, isto significa afirmar que a cultura surda abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Portanto, ao olharmos o povo surdo dentro de um contexto sociocultural, devemos reconhecê-los como integrantes de uma sociedade multicultural que necessitam se apropriarem dos signos e significados que permeiam nesse cenário.

---

<sup>7</sup> Segundo Neves (2010, p. 1), Karin Strobel é surda, formada em Pedagogia e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Trabalhou em diversas escolas de surdos e participou da equipe pedagógica do Departamento de Educação Especial da Secretaria de Educação do Paraná. Atualmente é professora no curso de Letras/Libras da UFSC e diretora-presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis). NEVES, Gabriele Vieira. Resenha da obra: *As imagens do outro sobre a cultura surda*, de Karin Strobel (2009). *Conjectura*, v. 15, n. 1, jan./abr. 2010.



No que diz respeito a definição de povo surdo, Strobel (2009), destaca que são grupos de sujeitos surdos que não habitam no mesmo lugar, porém, estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independentemente do grau de desenvolvimento linguístico, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços.

Dessa forma, ao trabalharmos a questão da identidade e cultura da comunidade surda, estamos nos referindo a uma cultura composta por artefatos culturais, que segundo Strobel (2009), compõe-se de oito tipos: experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais.

Portanto, ressalto que no presente artigo abordarei apenas dois artefatos culturais surdos, experiência visual e o aspecto linguístico por compreender que estes são imprescindíveis para que o sujeito surdo possa interagir e se apropriar dos conhecimentos transmitidos no cotidiano escolar de forma satisfatória.

### 3.1 ARTEFATO CULTURAL DA COMUNIDADE SURDA: EXPERIÊNCIA VISUAL

Este artefato cultural da comunidade surda - experiência visual - é muito importante para os surdos, por que, como sabemos, o seu canal de recepção e emissão de informações é o visual, isto é, envolvem imagens e movimentos espaciais, uma vez que a língua de sinais, a qual utilizam para se comunicar é uma língua de modalidade visual-espacial, percebida pelos olhos e realizada pelas mãos, expressões faciais e corporais.

Em outras palavras, a experiência visual está diretamente relacionada ao fato de que os surdos percebem o mundo a sua volta através de seus olhos. Assim sendo, essa experiência visual contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo das pessoas surdas.

Desse modo, no que se refere a inserção do surdo no âmbito escolar, torna-se necessário manter um olhar diferente para este sujeito, haja vista, que ele está inserido em um ambiente onde as outras pessoas apreendem, absorvem e constroem conhecimentos de maneira distinta, isto é, diferente do seu, já que utilizam o canal auditivo.

Por isso a escola necessita ser um ambiente onde a experiência visual tenha significado para o surdo. O surdo precisa adentrar neste espaço percebendo que também faz parte deste ambiente. Porém, o que se observa muitas vezes na escola, é que esse espaço composto majoritariamente por pessoas ouvintes e falantes, não se preocupa em atender satisfatoriamente as necessidades básicas desse grupo social, oferecendo, por exemplo, cartazes



sinalizados para que os surdos possam compreender e vivenciar experiências significativas neste local.

Quando as crianças ouvintes adentram a escola e visualizam um cartaz ou qualquer outra informação que está sendo transmitida na sua língua materna (Língua Portuguesa) as mesmas conseguem ler, entender e interpretar as informações que compõe esse cartaz com facilidade.

Ao contrário de uma pessoa surda que quando visualiza um anúncio que não está sinalizado na sua língua materna (Libras) não compreende o significado daquela informação que está sendo transmitida; fato que corrobora para o processo de exclusão dos surdos no contexto escola à medida que são grupos minoritários que ocupam tal espaço.

Para que crianças surdas possam compartilhar as práticas culturais do contexto social dos ouvintes, é de fundamental importância que o mundo semiótico seja mediado de forma adequada. Em outras palavras, os símbolos que impregnam a cultura só vão se revestir de significado para as crianças surdas se houver interações sociais e comunicativas significativas que possam decodificar esses símbolos (KELMAN, 2010, p. 92).

Nesse contexto, a escola como território de múltiplas culturas, deve levar em consideração as diferenças aceitando a todos na sua especificidade e/ou particularidade. Vale ressaltar conforme afirma Silva (2006, p. 14) “o ato de acolher a todos em suas diferenças não implica numa submissão ao grupo dominante”. No entanto, nestas relações sociais que estão atravessados por questões de poder, como afirma Candau (2011), os surdos são vistos como minorias, por conseguintes, são ignorados quanto ao grau de importância de sua cultura e excluídos do processo educacional.

Neste “jogo de forças”, a cultura surda fica submissa ao grupo dominante, caracterizado aqui pela cultura ouvinte, que infelizmente não reconhece a cultura surda como tal, mas sim, como um impedimento auditivo. Percebe-se que isso, além de ser um desrespeito para a comunidade surda é uma atitude que infringe as legislações vigentes, já que as mesmas garantem aos surdos a sua inclusão de forma satisfatória no âmbito escolar.

Inspirada na Declaração Mundial de Educação para Todos e na Declaração de Salamanca (1994), a Educação Inclusiva defende o acesso de todos à escola, mediante a criação de mecanismos e práticas educativas que respeitem as necessidades educacionais especiais dos indivíduos diferentes. Dessa forma, a inclusão de pessoas com Surdez na escola comum, requer que se busquem meios para beneficiar sua participação e aprendizagem, e uma delas é que os indivíduos Surdos precisam primeiro, aprender a sua língua materna, e isso só

pode acontecer de forma eficaz a partir da interação com outros Surdos. Assim sendo, aceitar-se Surdo depende muito do convívio e do aprendizado da Língua de Sinais, levando em consideração que a língua identifica o sujeito dentro de sua cultura, dando-lhe a oportunidade de comunicar-se com seus pares (SILVA, 2016, p. 4).

Portanto, para que os surdos tenham acesso ao conhecimento de maneira sistemática, significativa e eficaz torna-se necessário que seus aprendizados levem em consideração os vários artefatos culturais que compõem a cultura surda, especialmente, a experiência visual que é importantíssima para o seu desenvolvimento cognitivo, contemplando seu modo visual-espacial de aprender e compreender o mundo a sua volta.

### 3.2 ARTEFATO CULTURAL DA COMUNIDADE SURDA: ASPECTO LINGÜÍSTICO

Esse artefato cultural diz respeito ao uso da língua de sinais que é de fundamental importância para o desenvolvimento do sujeito surdo, tendo em vista que o processo de constituição do indivíduo no mundo da cultura, dar-se-á, principalmente, por meio da língua, possibilitando ao sujeito a compreensão dos signos e significados que permeiam na sociedade e auxilia no processo de ensino-aprendizagem.

A escolha de problematizar este artefato cultural surdo no cotidiano escolar, está pautado na afirmação de que o mesmo ajuda a construir a subjetividade e a identidade do sujeito surdo. Dizeu & Caporali (2005), afirmam que a Libras é uma ferramenta primordial para a constituição da identidade do sujeito surdo.

Como sabemos, a busca pela comunicação é algo universal, onde para a pessoa surda essa comunicação acontece por meio da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Por isso, a necessidade dela ser aceita e utilizada não somente pela comunidade surda, mas também, pela ouvinte: escola, família, amigos, colegas, enfim, pela sociedade de modo geral, pois as vezes observa-se que o próprio surdo sequer possui conhecimento da Libras o que torna ainda mais difícil a sua comunicação e também a sua inserção de forma efetiva no meio social.

Delimitando essa discussão e aproximando-a do contexto educacional, é notório observar que mesmo a escola, caracterizada como um território de múltiplas culturas, a qual deveria trabalhar essa pluralidade, ignora a cultura surda, pois, nela, há o predomínio de um grupo hegemônico (cultura ouvinte), fazendo com que a ênfase maior seja voltada para o uso da Língua Portuguesa. Enquanto que o uso do aspecto linguístico da cultura surda (lín-

gua de sinais), fica em segundo plano, pelo fato dos surdos serem minorias linguísticas. Quadros (2010, p. 31) destaca, “nas tessituras das propostas atuais de educação de surdos, encontramos muitos indícios desta postura: a língua de sinais é vista como secundária”.

A língua de sinais brasileira parece estar sendo admitida, mas o português mantém-se como a língua mais importante nos espaços escolares. [...] a língua de sinais, ao ser introduzida dentro dos espaços escolares, passa a ser coadjuvante no processo, enquanto o português mantém-se com o papel principal. As implicações disso no processo de ensinar-aprender caracterizam práticas de exclusão (QUADROS, 2010, p. 32).

Está explícito que mesmo o surdo estando inserido na escola, isso não possibilita a ele as condições necessárias para poder desenvolver a linguagem, tendo em vista que está imerso em um meio social ouvinte, que muitas vezes não compartilha com ele da mesma interação.

Um dos fatores que fazem com que os surdos encontrem dificuldades para a aquisição da linguagem, inclusive, dentro do espaço escolar, ocorre pelo fato de que as práticas pedagógicas fracassam na alfabetização de ouvintes.

Na verdade, as limitações nessa esfera não são exclusivas das experiências escolares de surdos, nem inerentes à condição de surdez: um dos principais problemas está nas mediações sociais dessa aprendizagem mais especificamente, nas práticas pedagógicas que fracassam também na alfabetização de ouvintes (GÓES, 1999, p. 1).

Com base nessa argumentação, compreendo que o surdo ainda encontra muitas dificuldades de interação, socialização e comunicação pelo fato da sociedade de modo geral não estar preparada para interagir com esse grupo social. Isso se observa também, no âmbito escolar, pois os próprios professores não estão aptos para trabalhar com alunos surdos, bem como, a comunidade escolar de forma geral.

Portanto, a comunidade escolar necessita se apropriar deste artefato cultural surdo (aspecto linguístico), almejando, desse modo, contribuir para o processo de interação social dos surdos, tanto no espaço escolar, quanto fora dele, para que os mesmos possam se apropriarem de forma satisfatória dos conteúdos socioculturais<sup>8</sup> historicamente acumulados pela sociedade,

---

<sup>8</sup> Este é um termo utilizado por Libâneo (1945, p. 13 - 15), o qual destaca que a pedagogia crítico-social dos conteúdos trata-se de uma pedagogia que leva em conta os determinantes sociais e que propicia a crítica dos mecanismos e imposições resultantes da

na sua língua materna; isto é, por meio da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo busquei compreender como a escola, caracterizada como um território de múltiplas culturas, vem trabalhando as diferenças culturais existente no cotidiano escolar, abordando, especificamente, a cultura surda, cujo enfoque delineou-se sobre os artefatos culturais surdos, mais precisamente, sobre a experiência visual e o aspecto linguístico por compreender que os mesmos são imprescindíveis para o processo de desenvolvimento cognitivo dos surdos no âmbito escolar.

Para fazer essa problematização, realizei uma abordagem ampla, onde discuti a relação entre educação e cultura, para, posteriormente, ir delineando o foco dessa discussão para o “chão da escola”, com o intuito de entender como esse espaço vem trabalhando os artefatos culturais surdos: experiência visual e o aspecto linguístico.

Portanto, com base nas discussões realizadas e amparadas por ideias de renomados autores, enfatizo a necessidade de direcionarmos nossa reflexão para o campo dos Estudos Surdos, para conhecermos um pouco mais sobre a cultura surda, analisando os nossos olhares e as representações que construímos sobre esses sujeitos, ressaltando a importância de se trabalhar no contexto escolar a cultura da comunidade surda, compreendendo a surdez como uma questão cultural e não como um impedimento auditivo. Enfatizo ainda, a necessidade da escola trabalhar os vários artefatos culturais surdos, principalmente, a experiência visual e o aspecto linguístico que são imprescindíveis para o processo de apropriação e aquisição do conhecimento, bem como, para o desenvolvimento cognitivo desses sujeitos, rompendo a lógica de subordinação da cultura surda em contraposição à ouvinte, para que o processo ensino-aprendizagem possa contemplar seu modo visual-espacial de aprender e compreender o mundo a sua volta.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da C. de. Cultura, Educação e Complexidade. In: RIBEIRO, Joyce O. Seixas; LOBATO, Vivian da Silva; SILVA, Deival Brandão da.

---

organização da sociedade em classes sociais antagônicas; é uma pedagogia que vai buscar, no interior da escola, respostas pedagógico-didáticas que permitam o exercício dessa crítica, a partir das próprias determinações sociais das situações pedagógicas concretas. Portanto, com esta proposta, ao se referir ao qualificativo “conteúdos”, o autor afirma que são conhecimentos produzidos historicamente, na relação entre as classes sociais.

(Orgs.). **Educação e Cultura**: conexões teóricas, práticas e reflexivas. Campinas, São Paulo: Pontes Editoras, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28<sup>o</sup> ed. 1993.

BRASIL. **LDB**: 9.394/96. 9<sup>a</sup>. ed. Brasília: Edições Câmara, 2014.

CANDAU, Vera M. Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, v. 11, n. 2, pp. 240 – 255, Jul./Dez 2011.

DIZEU, Liliane c. T. de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

KELMAN, Celeste Azulay. Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias. In: FERNANDES, Eulália; QUADROS, R. Muller de [et al.] (Orgs.). **Surdez e bilinguismo**. 3<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MOREIRA, A. Flávio; CANDAU, V. Maria. **Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, n.23, Mai-Ago, 2003.

QUADROS, R. Muller de. O ‘BI’ em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, Eulália; QUADROS, R. Muller de ... [et al.] (Orgs.). **Surdez e bilinguismo**. 3<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 14<sup>a</sup>. ed. 1994.

SILVA, Francisco Uélison da. **O olhar do outro sobre a diferença surda: representações sobre os surdos e a surdez**. 2016.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. Müller de. (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

SKLIAR, Carlos. **Um olhar sobre as diferenças**. 6<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.